



UvA-DARE (Digital Academic Repository)

Why and how study metaphor, metonymy, and other tropes in multimodal discourse?

Forceville, C.

Publication date

2010

Document Version

Final published version

Published in

Publicações da Faculdade de Filosofia, Universidade Católica Portuguesa

[Link to publication](#)

Citation for published version (APA):

Forceville, C. (2010). Why and how study metaphor, metonymy, and other tropes in multimodal discourse? *Publicações da Faculdade de Filosofia, Universidade Católica Portuguesa*, 41-60.

General rights

It is not permitted to download or to forward/distribute the text or part of it without the consent of the author(s) and/or copyright holder(s), other than for strictly personal, individual use, unless the work is under an open content license (like Creative Commons).

Disclaimer/Complaints regulations

If you believe that digital publication of certain material infringes any of your rights or (privacy) interests, please let the Library know, stating your reasons. In case of a legitimate complaint, the Library will make the material inaccessible and/or remove it from the website. Please Ask the Library: <https://uba.uva.nl/en/contact>, or a letter to: Library of the University of Amsterdam, Secretariat, Singel 425, 1012 WP Amsterdam, The Netherlands. You will be contacted as soon as possible.

Comunicação, Cognição e Media

VOLUME 1

Organização de

Augusto Soares da Silva

José Cândido Martins

Luísa Magalhães

Miguel Gonçalves

Publicações da Faculdade de Filosofia
Universidade Católica Portuguesa
BRAGA 2010

Nota prévia

A presente obra, em dois volumes, reúne grande parte das conferências e comunicações apresentadas em “Comunicação, Cognição e Media: Congresso Internacional de Ciências da Comunicação”, promovido e organizado pelo Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, em Braga, e realizado na mesma Faculdade, nos dias 23 a 25 de Setembro de 2009. O Congresso reuniu em Braga investigadores de cerca de trinta países e conceituados especialistas em Ciências da Comunicação e Ciências Cognitivas.

Os 121 estudos apresentados, distribuídos por onze secções temáticas, representam vários domínios de investigação em Ciências da Comunicação e estudos dos Media e procuraram, num profícuo diálogo interdisciplinar entre as Ciências da Comunicação e as Ciências Cognitivas, explorar as relações entre comunicação, cognição e media. A parte inicial do primeiro volume reúne as conferências plenárias dos académicos convidados.

Queremos agradecer a todos os que estiveram envolvidos na realização do Congresso, especialmente aos membros da Comissão Científica, da qual fizeram parte Maria Clotilde Almeida, Anibal Augusto Alves, Hanna Barorío, Francisco Rui Cádima, Enrique Castelló Mayo, John Cawood, Rui Centeno, Rosa Lúcia Coimbra, Isabel Féin da Cunha, Tito Cardoso e Cunha, Isabel Hub Faria, António Fidalgo, René Gardes, Miguel Gonçalves, José Pinto de Lima, Xosé López García, Antía López Gómez, José Cândido Martins, Óscar Mealha, Mário Mesquita, José Augusto Mourão, Francisco Costa Pereira, Manuel Pinto, José Esteves Rei, Rogério Santos, Augusto Soares da Silva, José Viegas Soares e José Teixeira. Agradecemos igualmente aos colegas Domingos Andrade e Maria Helena Gonçalves e aos membros do secretariado José António Alves e Maria Manuela Taveira, que conosco organizaram o Congresso; à Faculdade de Filosofia da UCP, na pessoa do seu Director, Alfredo Dimis, e ao Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos, pelo apoio, disponibilidade e empenho.

Em nome da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, exprimimos o nosso reconhecimento à Fundação para a Ciência e a Tecnologia, à Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento e à Fundação Calouste Gulbenkian, pelo apoio à realização do Congresso e à publicação desta obra.

Finalmente, agradecemos a todos os autores pelos seus inestimáveis contributos.

Augusto Soares da Silva

José Cândido Martins

Luisa Magalhães

Miguel Gonçalves

Universidade Católica Portuguesa – Braga
Julho de 2010

a Técnica

Título: **Comunicação, Cognição e Media**

Organização: Augusto Soares da Silva • José Cândido Martins
Luisa Magalhães • Miguel Gonçalves

-Edição: ALETHEIA – Associação Científica e Cultural

Faculdade de Filosofia
Universidade Católica Portuguesa
Praça da Faculdade de Filosofia, 1
4710-297 BRAGA
Tel. 253 208 080 / Fax 253 208 081
<http://www.facfil.ucp.pt>

Tiragem: 200 exemplares

Julho 2010

Design da capa: Cenárea - Comunicação e Multimédia

Execução gráfica: Tipografia Abreu, Sousa & Braga, Lda - Braga

ISBN: 978-972-697-194-8

Depósito Legal: 314080/10

ÍNDICE

VOLUME I

Nota Prévia

v

Introdução: Comunicação, Cognição e Media

AUGUSTO SOARES DA SILVA

1

Parte I - Teorias e Modelos

The screen is a mental space: Cognitive and semiotic aspects of communication

PER AGE BRANDT

19

The social brain

ALEXANDRE CASTRO-CALDAS

33

Why and how study metaphor, metonymy, and other tropes in multimodal discourse?

CHARLES FORCEVILLE

41

What we know and what the media tell us: A sociologist's view of media, knowledge and ignorance

PETER GOLDING

61

Linguagem, verdade e conhecimento. As Ciências da Comunicação e o contemporâneo

MOISÉS DE LEMOS MARTINS

77

Blending meanings: cognizing and communicating, mediatingly

FLOYD MERRELL

87

Le signe iconique, du mimétisme à l'intégration conceptuelle

JEAN-PIERRE MEUNIER

115

'Low carbon diet': Reducing the complexities of climate change to human scale

BRIGITTE NERLICH & NEIVA KOTERYKO

141

La comunicación y el nuevo humanismo del siglo XXI:

hacia una ética mundial dialógica de la acción comunicativa

MANUEL ÁNGEL VÁZQUEZ MEDEL

157

Parte 2 - Jornalismo

Conteúdos vídeo nos jornais <i>online</i> – o caso português VANIA CARVALHO, MARIA JOÃO ANTUNES & ANA VELOSO	175
Anúncios publicitários do século XIX na imprensa paulista: evolução de uma tradição discursiva ALESSANDA CASTILHO DA COSTA	191
Los inicios de las políticas sociales en la prensa española MARIA ISABEL FERREIRO LEAL	207
Instituição e memória no jornalismo brasileiro de revista RENÉ OLIVEIRA FRANÇA	215
Vetores estruturantes na construção da percepção no noticiário em “tempo real” WALTER TEIXEIRA LIMA JUNIOR	231
Reformulaciones periodísticas en tiempos de crisis JOSE LOPEZ GARCIA	245
Analisando as notícias sobre doença: um primeiro retrato ANDRA MARINHO, FELISBELA LOPES, TERESA RUÃO & ZARA PINTO-COELHO	253
Production and consumption process in terms of health news: sample of <i>Pora Daily</i> TJLE VÖKSEL ÖZTÖRK & HALUK BIRSEN	265
Figurações do acontecimento: quatro revistas em revista ADULO BERNARDO FERREIRA VAZ	279
Dos acontecimentos no mundo à notícia: relações entre o jornalismo e o geopolítico ANGELA MARIA ZAMIN	295

Parte 3 - Estudos Televisivos

A etnografia da informação televisiva em Portugal: a memória do telespectador JOSÉ AZEVEDO, MARIA DO ROSÁRIO SARINHA & LUCIANA FERNANDES	309
Pluralismo, informação e serviço público de televisão FRANCISCO RUI CÂNDIDA	319
Attachment styles and intimate television viewing: Insecurity forming relationships in a parasocial way: Implications in a collectivist society JULIET DINKHA, CHARLES MITCHELL, MOURAD DAKHLI & SARAH MOBASHER	337
Representações sobre a UE: da informação mediática à opinião pública ANA HORTA	355
Relações comunicacionais entre a imagem da peregrinação medieval e a linguagem carnavalesca dos desfiles de escola de samba contemporâneos ALEXANDRE HUADY TORRES GUIMARÃES, MARCOS NEPOMUCENO DUARTE & JOSÉ MAURÍCIO C. MOREIRA DA SILVA	367
‘Media appropriation’ from a critical realist point of view? Theoretical premises and empirical research STEPHEN LEPA	379
Representações dos adolescentes na ficção juvenil portuguesa – o caso dos <i>Morangos com Açúcar</i> e <i>Rebelde Way</i> MARILANA VEIGA PINTO	391
Éça de Queitros no audiovisual FILOMENA ANTUNES SOBRAL	405
Parte 4 - Media Interactivos e Multimédia	
Internet usage in the leisure time of young Turkish people FILIZ ANDOGAN	419
Formação para a literacia da informação: uma interactividade necessária com os Media MARIA INÊS PEIXOTO BRAGA	427
A model of the role of conceptual metaphors in hypermedia comprehension ANNE SOPHIE COLLARD & PIERRE FASTREZ	439
Comunicação e cognição no ensino de línguas a distância: das tecnologias multimédia à criação de ambientes de aprendizagem HELENA BARBARA MARQUES DIAS	455

Technologically mediated communication: Patching communication sciences

ÓSCAR MEALHA 469

Interação socio-virtual: uma complementação do mundo virtual com o mundo real

MAFALDA SILVA OLIVEIRA

481

Games, tecnologias de comunicação e capacitação cognitiva na cibercultura
FÁTIMA REGIS & LETÍCIA PERANI

491

Meios deportivos y Web 3.0

CARLOS TOURAL BRAN & MOISÉS LIMIA HERNÁNDEZ

503

Parte 5 - Comunicação Política

An economic and communicative investigation into the application of interactive citizen networks in the communication strategies of the US presidential candidates

SABINE BAUMANN

519

Alternative Radio Broadcasting in Turkey: Case of Open Radio

ÖZGÜL BIRSEN

529

Divided society, ideology of Europeanization and production of metaphors in public discourse: A case of Serbia

JELENA KIEURT

543

O segredo e o problema da Esfera Pública:

como o *kritikos* dos partidos fomenta os segredos do poder

HELDER FILIPE ROCHA PRIOR

555

A comunicação política clássica: das origens e sua consolidação

J. ESTEVES REI

567

A comunicação política televisiva nas eleições europeias 2009.

O paradigma da informação-espetáculo

NILZAMOUZINHO DE SENA

575

O que sabemos da Europa? As eleições europeias e os debates televisivos em Portugal (2009): uma abordagem linguístico-política

FRANCISCO VICENTE, PAULO VICENTE & VERA FERREIRA

589

Parte 6 - Sociologia da ComunicaçãoÉtica e humanismo na cultura das novas tecnologias da informação e comunicação
ARTUR JORGE DE MATOS ALVES

60

Memória coletiva e configuração mediática dos acontecimentos do ano

ISABEL BABO LANÇA

A arte da imagem e a imagem da arte

JOANA MICHELA BERRAMAR

A Propaganda na Democracia – Mito e Realidade. Uma perspectiva antropológica

HELENA BARROSO CATALÃO

63.

Making tracks: A case study in the role of digital communications technologies in cultural production

JOHN CAWOOD

661

O impacto das revistas na imagem corporal das adolescentes: uma abordagem sociocultural num estudo de audiências

MÁRIA JOÃO CUNHA-SILVESTRE

História, memória e identidade no jornalismo

VIRGINIA PRADELINA DA SILVEIRA FONSECA

691

Educación para la participación en la sociedad de las pantallas

ANDREA FRANCISCO AMAT

703

Entre crises: o que fica e o que muda nas notícias televisivas sobre energia

ANA HORTA

713

Um olhar sobre a Modernidade em crise

LURDES MACEDO

725

Germany's awakening to the reality of a multi-cultural society: Reflections in the media

GABRIELA MURRY

737

Analysing HIV prevention for heterosexuals:

Discourses, media campaigns and gender

ZARA VINTO-COELHO, SILVANA MOTA-RIBEIRO, HELENA PIRES, ENÍLIA FERNANDES & PEDRO RIBEIRO DA SILVA

A cidadania no epicentro da cultura participativa nos media

FÁBIO FONSECA RIBEIRO

745

761

Parte 7 - Teorias da Comunicação

As ciências cognitivas nos cursos universitários de comunicação	
ANÍBAL AUGUSTO ALVES	775
A superfície, o rato e as ações comunicacionais no <i>design</i> de superfície	
RENATA OLIVEIRA TEIXEIRA DE FREITAS	785
Pólfonia e representações disursivas	
MIGUEL GONÇALVES	799
Inscribir lo real: a propósito del texto documental	
ANTIA MARIÁ LÓPEZ GÓMEZ	815
Propaganda, behaviorismo, Leonard William Doob e o campo da comunicação	
RAFAELA VARRÃO	825

VOLUME 2

Parte 8 - Cognição e Linguagens

“Então hoje pelos vistos o tema disse-lhe qualquer coisinha mais de perto, não? : <i>posições intencionalistas e a co-construção de identidades discursivas em emissões nocturnas de rádio (“radio phone-in programmes”)</i> ”	
CARLA AURELIA DE ALMEIDA	
Code-switching in Portuguese sports newspapers: The cognitive semiotics view	
MARIA CLOTILDE ALMEIDA	1
Hybrid processing of rhetorically elaborated texts	
ADRIANA BAPTISTA, ISABEL HUB FARMA & PAULA LUËGI	2
Cognitive and cultural models of sociocultural identity grounding: Conceptualising football as colour and/or wild creature in European Portuguese journalistic discourse	
HANNA JAKUBOWICZ BATORÉO	47
Afeganização e Iraque: a conceptualização metafórica da guerra	
SÉRGIO NASCIMENTO DE CARVALHO	63
A study of the interaction between cross-linguistic cognitive mapping and use of motion events	
JHYVI CHEN	73
Casat com um carro: metáforas verbais e pictóricas na publicidade automóvel	
ROSA LIDIA COIMBRA	83
A comunicação digital e sua relação com os aspectos cognitivos do sujeito. Reflexões a partir de uma experiência	
LUCILENE CURY	99
Construções gramaticais e subjetividade: as construções de futuro no discurso político	
LILIAN FERRARI & KAREN ALONSO	111
Signifying in virtual environment: A biosemiotic perspective	
MARIA ISABEL ALDINHAS FERRERA	127
Hétérogénéité énonciative dans les textes médiatiques sur les enfants exposés à des risques	
ANCA GATA, ALINA GANEA, GABRIELA SCRIPNIC, RUI RAMOS, PAULA CRISTINA MARTINS, SARA PEREIRA & MADALENA OLIVEIRA	137

References

- Adolphs, R. (2009). The Social Brain: Neural Basis of Social Knowledge. *Annu Rev Psychol* 60: 693-716.
- Aiello, L.C. & P. Wheller. (1995). The expensive tissue hypothesis. *Current Anthropology* 36: 184-193.
- Behrens, T.E.J., L.T. Hunt & M.F.S. Rushworth (2009). The computation of social Behavior. *Science* 324: 1160-1164.
- Blakemore, S.J. (2008). The social brain in adolescence. *Nature Reviews/Neuroscience* 9: 267-277.
- Damasio, A. R. (1994). *Descartes' Error: Emotion, Reason and the Human Brain*. New York: Grosset Putnam.
- Dapretto, M., M. S. Davies, J. H. Pfeifer, A. A. Scott, M. Sigman, S. Y. Bookheimer & M. Iacoboni (2005). Understanding emotions in others: mirror neuron dysfunction in children with autism spectrum disorders. *Nature Neuroscience* 9: 28-30.
- Dunbar, R.I.M. (1992). Neocortex size as a constraint on group size in primates. *J. Human Evol* 20: 469-493.
- Dunbar, R.I.M. (1998). The social brain hypothesis. *Evolutionary Anthropology* 6: 178-190.
- Dunbar, R.I.M. & S. Schultz (2007). Evolution of the Social Brain. *Science* 317: 1344-1347.
- Geschwind, N. (1965). *Disconnection syndromes in animals and man*. *Brain* 88: 237-294, 585-644.
- Kanwisher, N., J. McDermott & M. M. Chun (1997). The fusiform face area: a module in human extrastriate cortex specialized for face perception. *J. Neurosci* 17: 4302-4311.
- Kristinshield, M., M. Nagy, M. Metz, F. Mayer & O. von Helversen (2010). Complex vocal imitation during ontogeny in a bat. *Biol. Lett.* 6: 156-159.
- MacLean, P.D. (1982). On the origin and progressive evolution of the trine brain. In: E. Armstrong & D. Falle (eds), *Primate Brain Evolution*. New York: Plenum Press, 291-310.
- Rizzolatti, G. & L. Craighero (2004). *Annua Rev Neurosci* 27: 169-192.
- Rothenberg, D. (2006). *Why Birds Sing* USA: Basic Books.
- Stephan, H., H. Frahm & G. Baron (1981). New and revised data on volumes of brain structures in insectivores and primates. *Folia Primatol* 35: 1-29.

Why and how study metaphor, metonymy, and other tropes in multimodal discourse?

CHARLES FORCEVILLE¹

University of Amsterdam (The Netherlands)
c.j.forceville@uva.nl

Abstract

A fast-growing branch of cognitive linguistics focuses on multimodal metaphor, metonymy, and other tropes. This budding work is important for at least three reasons: (1) metaphor theorists' claims about the embodied nature of human thinking can only be properly assessed if and when conceptual metaphor can be shown to occur in non-verbal and multimodal no less than in purely verbal discourse; (2) investigating multimodal tropes aids the development of tools for analyzing multimodal discourse in general; and (3) studying multimodal tropes can help multimodal discourse designers in their creative decisions. This paper elaborates on these three issues by discussing various examples, with as primary aim to achieve greater precision in analyzing non-verbal tropes and in distinguishing between them.

Keywords: genre, metaphor, metonymy, multimodality

1. The importance of studying multimodal tropes

There are at least three good reasons for researching tropes – characterized by Wales as “figures of speech [...] involving [...] lexical or semantic deviation of some kind” (Wales 2001: 398) – in visual and multimodal discourse. Let me briefly discuss each of them.

1. The key note lecture I gave at the *Communication, Cognition and Media* conference (Faculty of Philosophy of the Catholic University of Braga, Portugal, 23-25 September 2009) drew on research projects that I already reported about in various publications. The present paper is based on a keynote lecture I gave at the *Researching and Applying Metaphor Workshop 2009*, 4-5 June, Media Studies department, University of Amsterdam. It will be simultaneously published in the proceedings of the *ABSLA* conference (University of Ciudad Real, Spain, 26-28 March 2009).

1.1. *Investigating only verbal manifestations of tropes can never suffice to make the claim for embodied cognition, that is, the view that human beings' capacity for abstract thinking fundamentally depends on the affordances and limitations of the human body*

If, as Lakoff and Johnson famously claim, "the essence of metaphor is understanding and experiencing one kind of things in terms of another" (1980: 5), it is inevitable that scholars investigate other modes/modalities than language alone. Lakoff and Johnson are generally seen as the founding fathers of the Conceptual Metaphor Theory (CMT), which is by now robustly entrenched in linguistics as well as in some social science research (see Gibbs 2006, 2008 for surveys of the state of the art in the field). Briefly, CMT claims that we do not just use language metaphorically in a systematic way (as was impressively demonstrated by Lakoff & Johnson 1980), but that we actually *think* metaphorically, and do so in a manner largely determined by the way our bodies look and function, that is, by motor skills, sensory abilities, outward appearance, physical needs to survive, etc. However, "embodied cognition" – even when admittedly complemented by what could be called "acculturated cognition" (e.g., Emanatian 1995; Gibbs & Steen 1999; Kövecses 2005) – is by no means generally accepted (for dissenting voices see Murphy 1994, 1996; Haser 2005). One thorny problem is that it is difficult but necessary to think of ways to falsify its central tenet (Gibbs & Perlman 2006, Geeraerts 2006). CMT advocates might counter: "If Lakoff and Johnson are right in their claims that thinking is thoroughly embodied, there is simply no way around it. It is a biological law that willy-nilly all of us obey". However, this would mean that embodied cognition is to be accepted axiomatically, and this is definitely not going to convince the skeptics. Part of the problem is that, as Gibbs & Colston (1995) and Cienki (1998) have rightly emphasized, there lurks a dangerous circularity in ping-ponging between conceptual metaphors and their supposed verbal manifestations. Are they not, after all, both matters of language? How can we be sure that there is not just systematicity in the way people use metaphors, but that they actually *live* by those metaphors? To break free from this language-cognition loop, it is imperative to research not just verbal, but also non-verbal and multimodal tropes (called "figures of depiction" by Tversky 2001). It is to be emphasized that this is an enterprise that potentially has substantial repercussions for our view of large-scale processes in the real world. The notion of embodied cognition points the way toward universal, culture-independent aspects of human understanding, and thus to strategies for conflict-resolution between groups that, in other respects, may have insurmountably different ideas. The stakes are high, therefore, and it is worth investing scholarly time, hope, and energy in researching multimodal tropes. If the outcome should support embodied cognition, that would be great; if it contradicts it, that would be a huge disappointment, but a sobering one of the kind that serious scholarship should never shun.

1.2. *Research into non-verbal metaphors and tropes can make a robust contribution to the budding field of visual and multimodal discourse*

In contemporary society, discourse of a purely verbal kind increasingly gives way to discourse in which language is combined with, or even superseded by, visuals, music, sound, gesture, and other modalities.² However, as usual, practice is far ahead of theory. Although "multimodality" has become a buzzword in book and paper titles as well as conference panels and expert meetings, there is still relatively little useful theory in this area. A discipline that has consistently addressed multimodality is Systemic Functional Linguistics (SFL), inspired by Hallidayan grammar (see e.g., Kress & Van Leeuwen 1996-2006, 2001; Royce & Bowdler 2007), but the approach is in many respects heavily biased by its roots in linguistics (see for critical reviews Forceville 1999, 2007, 2009). A central question in the analysis of multimodal discourse is what information (including perspectives, emotions, and moods) is provided by which modality, and how the overall effect is more than the sum of the parts. Analyzing multimodal metaphor and metonymy is a productive way to gain insight into multimodal discourse, since in its prototypical manifestations target and source occur in different modalities. Such work can help pave the way for theorizing other tropes multimodally, and by extension, for a better understanding of how multimodal discourse in general works. This, in turn, is highly pertinent for educational purposes: being able to understand and assess the import of multimodal discourse is a competence that, no less than proper language-use, needs to be taught in primary and secondary education.

1.3. *Research into multimodal tropes may benefit producers of multimodal discourse*

Just as studying sonnets' or limericks' structure and conventions can help someone who wants to write them, studying multimodal discourse can aid someone who has a (professional) interest in creating it in one form or other. We can here think of advertisers, illustrators, and designers of consumer products, films, schoolbooks, manuals, advertisements, buildings, newspaper lay-outs, routing in public buildings, etc. To take another perspective: reaching a difficult concept often relies on analogical thinking, or metaphor (see Garner & Markman 1997; Gentner & Bowdle 2008), and this can be done multimodally.

2. The term "modality" is notoriously difficult to define (for discussion, see Forceville 2006a; Barenan 2008). For practical purposes, in this paper the following modalities will be distinguished: spoken language, written language, visuals, music, non-verbal sound.

It is to be acknowledged, however, that the various stakeholders do not have the same interests. For CMT scholars, the focus will have to be on the question if, and if so how, a metaphorical (or another "tropic") concept is or can be presented systematically in multimodal form. Adhering to, and developing, precise terminology is imperative both to investigate whether a given trope can or cannot occur in other modalities as the verbal one: it only makes sense to call a certain visual, or musical, or tactile phenomenon a metaphor, or a metonymy, or a hyperbole, if it shares sufficient essential features with its verbal ancestor. This issue does not change if a trope involves two or more modalities and thereby deserves the adjective "multimodal". Theorizing multimodal tropes includes a discussion of the applicability of such terms as "target", "source", "unidirectionality", "embodied versus acculturated feature transfer" and others. After all, only by precise definitions, and precise procedures for identifying a certain trope across different modalities it is possible to decide which tropes can occur in which modalities (see Brecqnes Callejas & Cortés de los Ríos 2008). Moreover, it is important that the theorization of non-verbal metaphor is related to other central CMT tenets, such as prototype theory and schema theory (Lakoff 1987).

For multimodal discourse scholars, the whole matter of multimodal tropology is simply one instrument to gain insight into how media drawing on more than one modality can convey certain (types of) information to an audience (for instance, books and comics can recruit written language and visuals; films typically use spoken language, written language, moving images, non-verbal sound, and music). Other instruments are for instance spatial organization (Martin & Steglin 2007) and layout of elements (Engelhardt 2002), the choice of letter fonts (Van Leeuwen 2006), and rhythmic patterns. Precise terminology is still important, but the aim here is not so much the testing and expanding of a model (CMT) as the development of tools for analyzing and theorizing media and genres (see *e.g.*, Caballero 2006, 2009; Kukkonen 2009).

Scholars interested in *applications* of multimodal tropology, by contrast, may not be particularly interested in precise categorizations and terminology; they may use work in this area primarily as a source of ideas, to be translated in concrete recommendations for industrial designers and other producers (*e.g.*, Ludden 2008; Van Rompay 2005; Westendorp 2002). The goal among practitioners is not so much to contribute to CMT, or to multimodal discourse theory, as to *use* it freely, even imprecisely, in their own creative work.

2. Considerations for a healthy development of multimodal tropes

Within CMT, an increasing number of scholars investigate non-verbal and multimodal metaphor. Roughly speaking, one line of research concentrates on gesture, usually as it co-occurs with spoken language (*e.g.*, McNeill 1992, 2005; Müller 2008;

Mitchell & Waugh 2009; Müller & Cienki 2009). Another focuses on music, often as it interacts with lyrics (*e.g.*, Thorau 2003; Zbikowski 2009; see also Cook 1998). A third approach addresses visuals of various kinds, often as these co-occur with language, but also (as in film) with sound and music. All three research lines are important for the further understanding of both creative metaphor (Black 1979) and conceptual metaphor (Lakoff & Johnson 1980, 1999). In the remainder of this paper, I will focus on this third line of research, and provide suggestions for its further development.

2.1. Pictorial and multimodal metaphor in advertising

In order to retain its power as a descriptive instrument, it is crucial to formulate with optimal precision how metaphor is distinct both from literal usage and from other tropes, as well as how it relates to them. This also involves specifying its place in Fauconnier and Turner's (2002) Blending Theory. (The short version of my view is that CMT and BT approaches are comparable if we accept that all metaphors are blends but that not all blends are metaphors; that is, we should speak about "metaphorical blends" – as opposed to other types of blends, for instance blends based on puns or on Counterfactuality.) My first exhortation is: "Characterize tropes verbally, but modality-independently." Adequate characterization and definition require specifying criteria, and this surely is best done in the verbal modality; no other modality is capable of the precision required here. But since my claim is that metaphor and at least some other tropes need not be verbal, or else combine verbal and non-verbal modalities, this definition must be broad enough to go beyond the verbal. These are the criteria I would now use to tackle the question "When is something (to be construed as) a metaphor?" I propose the following criteria (expanded from Forceville 1996):

- 1) An identity relation is created between two phenomena that, in the given context, belong to different categories;
- 2) The phenomena are to be understood as target and source respectively which are not, in the context, reversible;
- 3) At least one feature/characteristic/connotation associated with the source domain is to be mapped (projected) onto the target domain; often an aligned structure of features is to be so mapped.

Figure 1 is an example of a pictorial metaphor (more precisely: a monomodal metaphor of the pictorial variety; see Forceville 2006a, 2008 for more discussion) in an advertisement. The metaphor that can be rendered as NECKLACE IS BUILD'S RED CLOTH. Note that in order to construe the metaphor as such (indeed: in order to

construe a metaphor in the first place), the addressee must, on the basis of the brand name, the small print in the text, recognition of the golden object held by the woman as a necklace, and a matador's typical posture, be able to slot the two phenomena as target and source respectively. Since they are understood as, typically, belonging to different semantic domains/categories, the relationship between the necklace and the red cloth deserves to be called metaphorical. The feature to be mapped is, presumably, "attracting a bull", which is then adapted in the target domain to "attracting a man" (or attracting a partner). The mapped feature is to be inferred; it is not verbally specified. This means that pictorial metaphors – and indeed this holds to a degree for all non-verbal discourse – allow for a relatively high degree of freedom of interpretation that is, however, constrained by the generic advertising convention that the addressee is to map *positive* features from source to target (Forceville 1996: 104).

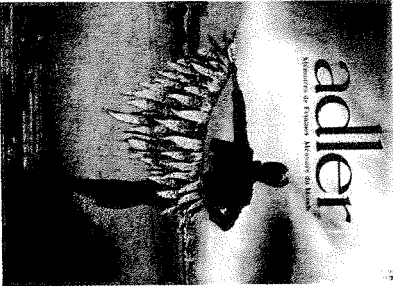


Figure 1. Text underneath woman: "Torrera: cascading tiers of white diamonds and orange sapphires set fire to a flamboyant necklace in white gold. Adler: jewelers since 1886"

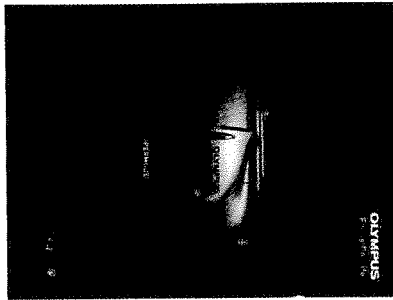


Figure 2. Body text: "Beauty and elegance combine with technological brilliance. [etc.]"

Figure 2 is a multimodal metaphor involving visuals and language (*apud* Forceville 1996 I called this a verbo-pictorial metaphor). It can be rendered as OLYMPOS CAMERA IS SUPRAMODEL. To understand this as a metaphor, "supremodel" is to be seen not as a literal description of the camera, but as invoking the realm of (female) super models of the Naomi Campbell, Claudia Schiffer, Douzen Krioes, Karen Mulder etc. variety. Such an interpretation is triggered by the wide media exposure of

such professionals, as well as by TV programmes such as "America's next topmodel" and its various national spinoffs. Mappable features include beauty and glamour – and whatever other positive features the domain of supermodels may evoke in a viewer.

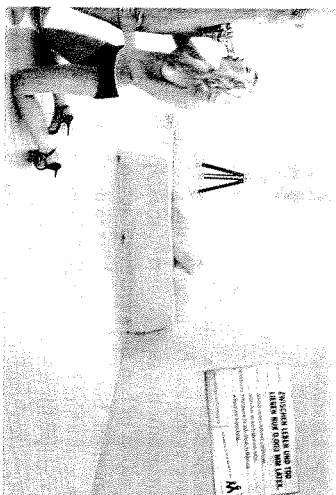


Figure 3. Text: "Between life and death lie only 0.003 mm latex"

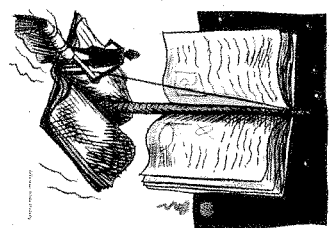


Figure 4. Illustration by Milan Hubsing: *De Academische Boeken-gids, 73, NL (March 2009)*

The metaphor in Figure 3 can be captured as MALE ORGAN IS GUN, and it would be a contextual metaphor (Forceville 2006a; earlier I called this subtype an MP1). It is a pictorial metaphor, since both target and source are identifiable from visual information alone – no verbal anchoring or relaying is necessary for this, although full interpretation may require the textual information. The latter makes clear that this is a warning against having unprotected sex to avoid sexually transmitted diseases. Clearly, the mapped feature is "lethally dangerous." Figure 4 is an illustration accompanying an article about the need for a standard language. Here the metaphor, again of the contextual type, can be verbalized as BOOK IS SAIL (and BOOK IS RUDDER, BOOK IS HULL). The mapped feature can be phrased as INDISPENSABLE FOR MAKING PROGRESS – which itself depends on a more deeply entrenched LONG-TERM PURPOSEFUL ACTIVITY IS A JOURNEY metaphor (Johnson 1993: 167; Forceville 2006b, Forceville & Jeulink 2007; see also Krstjević & Hidalgo 2009).

My own practice is to always verbalize a phenomenon I deem metaphorical in an A is B format. While this as such is not yet a guarantee that the phenomenon is a metaphor (it could be a riddle, or plain nonsense), it helps eliminate phenomena that, while possibly tropic, should not be labelled metaphors. That is, if it is not possible to apply the A is B formula, construe a target and source from different categories, and come up with at least one mappable feature, metaphorical construal appears to be, if

not impossible, at least unproductive. I also counsel to add as few words beyond the CONCRETE NOUN A IS CONCRETE NOUN B (or: VERB A IS VERB B) formula as necessary, since adjectives and other elaborations already tend to betray choices for mappable features, and thus already pertain to the interpretation stage. For instance, in Figure 3 I prefer MALE ORGAN IS GUN to MALE ORGAN IS DANGER and in Figure 4 BOOK IS SAIL to BOOK IS PROGRESS, since “gun” and “sail” are visually suggested, while “danger” and “progress” label the features that are mapped from gun and sail, respectively.

Here is another *zavvat*: a multimodal text, or a fragment of multimodal discourse, almost always has more going on than the metaphor alone – even if the metaphor is the central issue, as in the above examples. For instance, the glittering necklace in Figure 1 emphatically stands out against the sepia colours of the original photograph, and this is surely an important aspect of how the advertisement attempts to communicate certain assumptions or emotions, but this has nothing to do with the metaphor as such. Similarly, the dominance of white in Figure 3 may to some viewers connote “death” – and if so, this fits in nicely with the metaphor, but it is not, strictly speaking, part of it. And in almost any advertisement there are issues of lay-out, logos, and font choices that may enhance the meaning of the product or idea promoted without pertaining to the metaphor itself. It is therefore wrong to say, “This picture *is* a metaphor.” My suggestion is to say something like, “This picture *contains* a metaphor” or “This picture contains clues that force/invoke a viewer to construe a metaphor.”

2.2. Pictorial and multimodal metaphor in other media and genres

Advertising is the genre that has hitherto attracted most attention from scholars theorizing pictorial and multimodal metaphor. However, it is important that research is extended to other genres; otherwise there is a serious risk that patterns and regularities claimed to hold for pictorial and multimodal metaphors in general in fact pertain to manifestations occurring in one particular genre only. Another genre that is currently being discussed by metaphor scholars is the political cartoon. El Rfaie (2003, 2009) is one of the first to have investigated this genre. Other papers focusing on the cartoon are Yus (2009; see Figure 5), Schilperoord & Maes (2009), Teng (2009; see Figure 6) and Bounegru & Forceville (in prep.). Given their satirical nature, political cartoons typically exemplify critical perspectives on high-profile people and states of affairs in the world. It is often these latter that take on the role of the metaphorical “target”. Thus, while the genre conventions of advertising steer the addressee toward finding positive features in the source domain (unless the advertisement disparages the product of a competitor), those of political cartooning guide addressees toward identifying negative ones. The respective genres therefore play an essential role in the analysis of the metaphors.

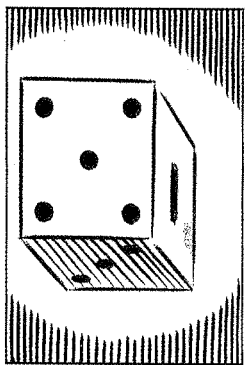


Figure 5. El Roco, BALLOT BOX IS DICE (from: Yus 2009)



Figure 6. Clay Bennett, AMERICAN NEWS IS LIKE HORROR NOVEL (from: Teng 2009)

Paintings constitute another type of stand-alone pictures that, in principle, can manifest a metaphor. Probably they will be more rare there than in advertising and cartoons, since metaphor’s predicative, often persuasive, force may not sit comfortably with most art. Presumably, metaphors (unlike symbols or allegories) in painting will be primarily found in its propagandistic varieties. That being said, Rothenberg (2008) mounts an intriguing proposal for a recurring metaphor in Rembrandt’s paintings: “In his self-portraits, Rembrandt repeated the shape of the prominent lines of the depicted hat, a distinctive feature of each of the costumes, with each depicted shape of the self-portrait mouth, thereby structurally relating costume contents and his own face” (Rothenberg 2008: 119; see Figures 7 and 8).



Figure 7. Rembrandt is APOSTLE (Rothenberg 2008)



Figure 8. Rembrandt is KING (Rothenberg 2008)

Inasmuch as these headresses were typical of specific professions or roles, Rothenberg's argument runs, they metonymically cue a source domain *vis-à-vis* the mouths' target domains. The formal resemblance between mouth and headress thus gives rise to metaphors that can be verbalized as REMBRANDT IS APOSTLE and REMBRANDT IS KING. Note that even if it were somehow demonstrable that Rembrandt never intended to create these metaphors, they would still work as long as there is a community of art-lovers that perceives them (and Rothenberg did some modest experimental work to support his metaphorical construals). And at the very least, Rothenberg's daring proposal makes clear how (the perception of) very subtle similarities in form *can* cue the construal of a metaphor.

For those who may find Rothenberg's examples too far-fetched, here are two considerably more explicit examples of artistic phenomena that invite metaphorical construe (I owe both examples to Josephine Rietveld). Figure 9 shows a dangling hand that is blood-stained with blood due to the fact that the "bracelet" it sports is made of thorny twigs. The title, "Omahyra's thorns" refers to the androgynous model of that name and reinforces the prickliness of the bracelet – its visual appearance strongly reminiscent of Christ's crown of thorns. In the absence of further context, it is intriguing to speculate what features are to be mapped in this metaphor, which is being verbalized as BRACELET IS THORNY OBJECT. Because of the crucified Christ's crown, the "thorny object" strongly connotes suffering and humiliation (as the thorny crown was a parody on the real one). Since a bracelet is a piece of jewellery normally carefully chosen by the person wearing it in order to look more beautiful, or perhaps

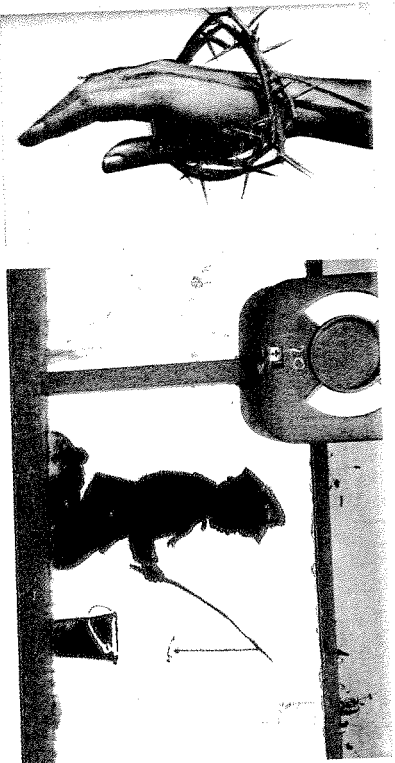


Figure 9. "Omahyra's thorns" (Artist and provenance unknown)

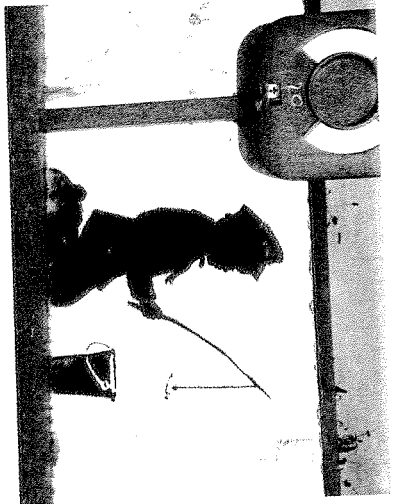


Figure 10. Banksy. Source: <http://superouchart.com.s39i439.gridserver.com/category/banksy/page/4/> (last accessed 8 October 2009)

to impress, we appear to be invited to interpret the metaphor as something like "Omahyra exhibits beauty as a form of suffering" or "Omahyra suffers beauty". But doubtlessly there are other interpretations – particularly for those who have more detailed knowledge of Omahyra's persona.

Figure 10, a painting (on a bridge?) allegedly made by the elusive street artist Banksy, shows an innocent-looking boy angling a drugs (?) needle from a bucket. The artistic context allows for different construals. One interpretation is a literal one: junkies throw their needles into the river, so a boy could well angle up a drugs needle instead of a fish. But a metaphorical construal *fish is needle* is also possible: the feature mapped from "needle" to "fish" could well be its poisonous nature.

2.3. Other tropes

While metaphor perhaps may lay claim to being the queen of tropes, there are of course many others, some of which have been discussed within the CMT framework (see e.g. Gibbs 1993, Barcelona 2000, Dirven & Peñing 2002), and at least a number of these can have pictorial and multimodal manifestations. Kennedy (1982) lists some two dozen tropes from classical rhetoric that he claims can be expressed pictorially, but unfortunately he does not distinguish them clearly from each other, which makes his proposals suggestive but not very applicable (for discussion, see Forceville 1996: 53–56). More recently, some scholars with CMT affiliations have ventured into this field. Unsurprisingly, given the growing awareness within the cognitive-linguistic community of the importance of metonymy, this trope is beginning to attract attention, both in discourses involving visuals (e.g. Urios-Aparisi 2009, see Figure 11; Forceville 2009c; see Figure 12) and in gesture studies (e.g. Mittelberg & Waugh 2009). Let me make a few brief observations about metonymy. The main difference between metaphor and metonymy is that in the former, target and source belong to different domains or categories, and in the latter to a single one. But this distinction appears more straightforward than it actually is. The description, in fact, holds for *conventional* categories. That is, if the target and the source belong to domains that one would consider to be distinct *outside of context*, in a default situation, the trope in question verges toward metaphor, while a target and a source that belong to the same category *outside of context*, the trope is more likely to be a metonymy. The "pars pro toto" ("all hands on deck") is a clear example of this. But whether or not the target and source belong to the same domain cannot always be assessed without taking into account the precise identity of the "B" that the "A" metonymically stands for. Thus, in another context, the baby bootie in Figure 9 could have been a metonymic reference

to “knitting” or to “baby outfit.” Similarly, the reference to “Church’s authority” in Figure 12 can only be derived from the narrative context of the film. This last example also suggests that metonyms, just as metaphors, can be original and creative, and are not necessarily just convenient but clichéd short-hands.

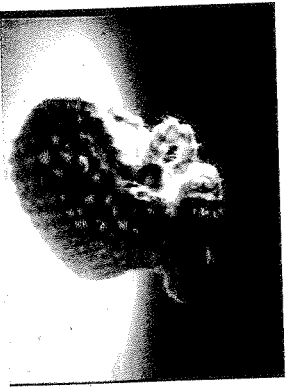


Figure 11. Baby BOONIE STANDS FOR BABY, a still in a televised message against abortion (Unios-Aparisi 2009)



Figure 12. MOURN STANDS FOR CHURCH'S AUTHORITY in a still in *La Passion de Jeanne d'Arc*, Carl Dreyer, France © 1928 Gaumont (Forceville 2009c)

Norman Teng has made proposals for expanding the scope of pictorial and multimodal tropes to oxymoron (Teng & Sun 2002) and pictorial grouping (Teng & Sun 2002; Teng 2009). Thus, the (in)famous Benetton campaign of the 1990s, Teng and Sun demonstrate, featured many incongruities that deserve the label “oxymoron” (see Figure 13). The central idea is not necessarily that two conjoined elements are each other's opposite, but that they are fundamentally incompatible with each other in one sense or another. Again, such a decision may be dependent both on the text-immanent and the socio-cultural context. Figure 14 provides a more uncontroversial example of oxymoron.

Other tropes await in-depth analysis. Undoubtedly, a good case can be made for pictorial hyperbole, for instance, if we take the key of hyperbole to be gross exaggeration. Advertising is full of it. A more difficult trope is irony – if only because there are different accounts of verbal irony. Sperber and Wilson's “echoic mention” perspective on irony specifies that deriving the intended interpretation of an ironical utterance depends, first, on a recognition of the utterance as echoic; second, on an identification of the source of the opinion echoed; and third, on a recognition that the speaker's attitude to the opinion echoed is one of rejection or dissociation” (1995: 240). On the basis of this characterization, the four *détournements* of the logos in Figure 15 might well be considered ironical: the representation is to be understood as “echoing”

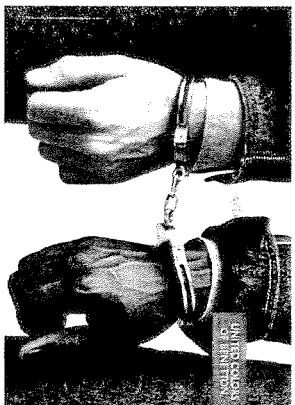


Figure 13. Oxymoron in Benetton campaign: apparent opposites are conjoined (from Teng and Sun 2002)

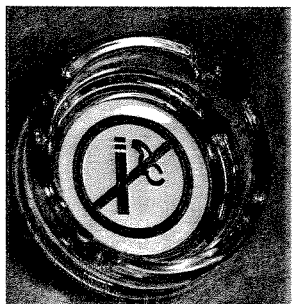


Figure 14. Oxymoron “Smoke” and “Don't smoke” (I owe the example to Nijhof 2009)

the logos of the original brands, and as a critical distancing from the consumer messages these brands promote, achieved both by verbal and visual means (cf. a Lagerwerf 2007). Irony thus is a standard technique of critical consumer groups such as Adbusters (see <https://www.adbusters.org/>, last accessed 6 December 2009).

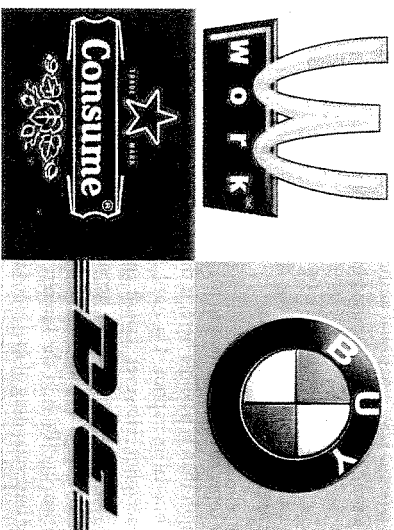


Figure 15. Free “boomerang” card distributed in the Netherlands 2007

Irrespective of the kind of trope to be analyzed, the following *criteria* are to be heeded: (1) tropes can be monomodal as well as multimodal; (2) there is no guarantee that every verbal trope has a pictorial or multimodal equivalent, nor that there may

be pictorial or multimodal phenomena that deserve the label "trope" without having a verbal equivalent. Perhaps "metamorphosis", ubiquitous in animation film (see Wells 1999: 69-76), qualifies; (3) distinguishing and labelling non-verbal and multimodal tropes should not disintegrate into a pedantic scholastic exercise: discovering tenable distinctions between tropes should eventually help discover pertinent similarities and differences between phenomena in multimodal discourse.

Due to constraints of space as well as of medium (*i.e.*, paper), I have only discussed two modalities: the pictorial and the (written version of the) verbal modality. However, metaphors and other tropes can also draw on other modalities, such as non-verbal sound and music. For examples and analyses of musical and sonic dimensions of metaphor, see Forceville (2007, 2008: Lecture 4 and 5 at <http://www.chass.utoronto.ca/epc/srb/cyber/forcevilleout.pdf>). Ludden (2008) investigates how sound, smell, and touch can provide surprising attributes to familiar objects, e.g., boots with the smell of roses, a "heavy" sound accompanying a cure little juicer, and a metallic-looking cup made of rubber. Here, however, we are in the realm of product design. The theorist may suggest that these are, technically, closer to oxymora (see below) or multimodal jokes than to metaphor – BOOTS ARE ROSES (?); CURE JUICER IS HEAVY MACHINE (?) – but for the designer this is presumably not an issue at all. Let it suffice here to state that if and when a sound or a tune unequivocally evokes a referent (*e.g.*, a national anthem evoking the nation, and a train whistle a train), such a sound or tune can be used in the service of, at least, metaphoricality and metonymy.

2.4. *Creative versus structural metaphor*

Another topic that is pertinent to present purposes, but needs to be discussed at far greater length than is possible here, is the relation of creative and structural pictorial and multimodal metaphor. Up until here I have only discussed fairly creative examples of metaphor. However, Lakoff and Johnson's *Metaphors We Live By* (1980) was so daring and innovative precisely because it did not focus on creative metaphors, but on metaphors that are, as they claim, deeply entrenched in human thinking, feeling, and experiencing. Both in the interest of furthering CMT and in the interest of deepening our understanding of multimodal communication, it is desirable to investigate any structural relations between targets and sources in multimodal discourse. Two promising areas are the EMOTIONS ARE FORCES metaphor (Kövecses 1986, 2000) in the comics domain (Forceville 2005, 2009b; Van Euren 2007; Eerden 2009; Shinohara & Matsuoka 2009) and the X IS A JOURNEY metaphor (Johnson 1987; Turner 1996; Ritchie 2008; Katz & Taylor 2008) in the domain of film (Forceville 2006b; Forceville & Jeurink 2007; Niño Zambrano 2008; Yu 2009).

3. Conclusion

Research into multimodal manifestations of metaphor and other tropes is useful in relation to a wide range of activities. Inasmuch as it leads to a greater insight into the structure and rhetoric of multimodal discourse, it can contribute substantially to theorizing narrativity, aesthetics, design, and persuasive communication. Such theorizing should in turn lead to the formulation of hypotheses – which are then to be tested in experiments designed by partnerships between humanities scholars and social scientists. Multimodal tropology can also be seen as a conceptual "crowbar" into the study of multimodal discourse in general, that is, partaking in the kind of projects also launched within the Systemic Functional Linguistics framework inspired by Hallidayan grammar. Any substantial findings in the area of multimodal discourse of course should feed into education, under such headings as (audio)visual literacy and critical discourse analysis. Furthermore, it is hoped that cognition studies will benefit from the systematic analysis and precise characterization of multimodal tropes. Finally, studying, and practicing multimodal tropes can aid in stimulating creative thinking (Boden 1990).

References

- Baldy, Anthony & Paul J. Thibault (2006). *Multimodal Transcription and Text Analysis: A Multimedia Toolkit and Casebook*. London/Oakville CT: Equinox.
- Barcelona, Antonio (ed.) (2000). *Metaphor and Metonymy at the Crossroads: A Cognitive Perspective*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Bateman, John A. (2008). The decomposability of semiotic modes. Paper presented at the 4th International Conference on Multimodality (4ICOM), Singapore, July 2008.
- Black, Max (1979). More about metaphor. In: Andrew Ortony (ed.), *Metaphor and Thought*. Cambridge MA: Cambridge University Press, 19-43.
- Boden, Margaret (1990). *The Creative Mind*. London: Abacus.
- Bounegru, Liliana & Charles Forceville (in prep.). Multimodal and conceptual metaphor in editorial cartoons representing the global financial crisis (2008).
- Bretones Callejas, Carmen & María Enriqueta Cortés de los Ríos (2008). La construcción de sentido en la publicidad de consumo. Un análisis cognitivo del sector automovilístico. Paper presented at the 6th International conference of the Spanish Cognitive Linguistics Association, University of Jaume I, Castellón, Spain, 22-24 October.
- Caballero, Rosario (2006). *Re-Veiling Space: Figurative Language in Architects' Assessment of Built Space*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Caballero, Rosario (2009). Cutting across the senses: imagery in winespeak and audiovisual promotion. In: Forceville & Urios-Aparisi, 73-94.

- Cienki, Alan (1998). Metaphoric gestures and some of their relations to verbal metaphoric expressions. In: Jean-Pierre Koenig (ed.) *Discourse and Cognition: Bridging the Gap*. Stanford, CA: Center for the Study of Language and Information, 189-204.
- Cook, Nicholas (1998) *Analyzing Metrical Multimediality*. Oxford: Clarendon.
- Diren, René & Ralf Förtings (eds.) (2002). *Metaphor and Metonymy in Comparison and Contrast*. Berlin/New York: Mouton.
- Ferden, Bart (2009). Anger in Asteix: The metaphorical representation of anger in comics and animated films. In: Forceville & Urios-Aparisi (eds.), 243-264.
- El Refaie, Elisabeth (2003). Understanding visual metaphors: the example of newspaper cartoons. *Visual Communication* 2 (1): 75-95.
- El Refaie, Elisabeth (2009). Metaphor in political cartoons: exploring audience responses. In: Forceville & Urios-Aparisi (eds.), 173-196.
- Emanatian, Michelle (1995). Metaphor and the expression of emotion: the value of cross-cultural perspectives. *Metaphor and Symbolic Activity* 10: 163-182.
- Engelhardt, Yurt (2002). *The Language of Graphics: A Framework for the Analysis of Syntax and Meaning in Maps, Charts and Diagrams*. Amsterdam: University of Amsterdam, Institute for Logic, Language and Computation.
- Eunen, Thijs van (2007). *Anger, Woede, Liefde en Trost: De Visuele Representatie van Emoties in Asteix en Donald Duck* [Fear, anger, love, and pride: the visual representation of emotions in Asteix and Donald Duck]. MA thesis, Department of Media Studies, University of Amsterdam.
- Fauconnier, Gilles & Mark Turner (2002). *The Way we Think: Conceptual Blending and the Mind's Hidden Complexities*. New York: Basic Books.
- Forceville, Charles (1996). *Pictorial Metaphor in Advertising*. London/New York: Routledge.
- Forceville, Charles (1999). Educating the eye? Kress and Van Leeuwen's *Reading Images: The Grammar of Visual Design*. (1996). *Language and Literature* 8: 163-78.
- Forceville, Charles (2005). Visual representations of the Idealized Cognitive Model of anger in the Asteix album *La Zizanie*. *Journal of Pragmatics* 37: 69-88.
- Forceville, Charles (2006a). Non-verbal and multimodal metaphor in a cognitivist framework: agenda for research. In: Kristiansen *et al.* (eds.), 379-402.
- Forceville, Charles (2006b). The source-path-goal schema in the autobiographical journey documentary: McElwee, Van der Keuken, Cole. *The New Review of Film and Television Studies* 4 (3): 241-261.
- Forceville, Charles (2007a). Review of Baldry & Tibbault (2007). *Journal of Pragmatics* 39: 1235-1238.
- Forceville, Charles (2007b). Multimodal metaphor in ten Dutch TV commercials. *Public Journal of Semiotics* 1 (1): 19-51. <http://semiotics.ca/>
- Forceville, Charles (2008a). Metaphor in pictures and multimodal representations. In: Gibbs (ed.), 462-482.
- Forceville, Charles (2008b). Pictorial and multimodal metaphor in commercials. In: Edward F. McQuarrie & Barbara J. Phillips (eds.), *Go Figure: New Directions in Advertising Rhetoric*. Ammonk NY: ME Sharpe, 272-310.

- Forceville, Charles (2009a). Review of Royce & Bowcher (2007). *Journal of Pragmatics* 41: 1459-1463.
- Forceville, Charles (2009b). Stylistics in comics: pictorial runs. Paper presented at Poetics and Linguistics Association (PAILA) conference, Roosevelt Academy, Middleburg, The Netherlands, 28 July-1 August.
- Forceville, Charles (2009c). Metonymy in visual and audiovisual discourse. In: Eija Ventola & Jesus Moya Guiso (eds.), *The World Told and the World Shown: Issues in Multimedialities*. Basingstoke/New York: Palgrave MacMillan.
- Forceville, Charles (forthcoming). The Source-Path-Goal schema in Agnes Verda's *Les Glaneurs et la Glaneuse* and *Dans l'An Apres*. In: Monika Fludrenik (ed.) *Literary Metaphor after the Cognitive Revolution*.
- Forceville, Charles & Marlies Jeulink (2007). The source-path-goal schema in animation film. Paper presented at International Cognitivist Linguistics Conference, Jagiellonian University, Krakow, Poland, 15-20 July.
- Forceville, Charles & Eduardo Urios-Aparisi, eds (2009). *Multimodal Metaphor*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Geeraets, Dirk (2006). Methodology in cognitive linguistics. In: Kristiansen *et al.* (eds.), 21-49.
- Gemner, Detle & Arthur B. Markman (1997). Structure mapping in analogy and similarity. *American Psychologist* 52: 45-56.
- Gemner, Detle & Brian Bowdle (2008). Metaphor as structure-mapping. In: Gibbs (ed.), 109-128.
- Gibbs, Raymond W., Jr. (1993). Process and products in making sense of tropes. In: Andrew Ortony (ed.), *Metaphor and Thought* (2nd ed.), 252-76.
- Gibbs, Raymond W., Jr. (2006). *Embodiment and Cognitive Science*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Gibbs, Raymond W., Jr., ed. (2008). *The Cambridge Handbook of Metaphor and Thought*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Gibbs, Raymond W., Jr. & Herbert L. Colston (1995). The cognitive psychological reality of image schemas and their transformations. *Cognitive Linguistics* 6: 347-378.
- Gibbs, Raymond W., Jr. & Gerard J. Steen (eds.) (1999). *Metaphor in Cognitive Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Gibbs, Raymond W., Jr. & Marcus Petlman (2006). The contested impact of cognitive linguistic research on the psycholinguistics of metaphor and understanding. In: Kristiansen *et al.* (eds.), 211-228.
- Haser, Verena (2005). *Metaphor, Metonymy and Experientialist Philosophy: Challenging Experientialist Philosophy*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Johnson, Mark (1987). *The Body in the Mind: the Bodily Basis of Meaning, Imagination and Reason*. Chicago: University of Chicago Press.
- Johnson, Mark (1993). *Moral Imagination: Implications of Cognitive Science for Ethics*. Chicago: University of Chicago Press.
- Katz, Albert N. & Tamsen E. Taylor (2008). The journeys of life: examining a conceptual metaphor with semantic and episodic memory recall. *Metaphor and Symbol* 23: 148-173.

- Kennedy, John M. (1982). Metaphor in pictures. *Perception* 11: 589-605.
- Kövecses, Zoltan (1986). *Metaphors of Anger, Pride and Love*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Kövecses, Zoltan (2000). *Metaphor and Emotion: Language, Culture, and Body in Human Feeling*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Kövecses, Zoltan (2005). *Metaphor in Culture: Universality and Variation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Kraljević, Bianca & Laura Hidalgo (2009). Life is not just a journey but a cyberspace journey: A multimodal approach to verbal and pictorial metaphor in a corpus of ICT advertising discourse. Paper presented at 27th AESLA International Conference, University of Ciudad Real, Spain, 26-28 March.
- Kress, Gunter & Theo van Leeuwen (1996). *Reading Images: The Grammar of Visual Design*. London/Routledge: Revised edition published in 2006.
- Kress, Gunter & Theo van Leeuwen (2001). *Multimodal Discourse: The Modes and Media of Contemporary Communication*. London: Arnold.
- Kristiansen, Gitte, Michel Achard, René Dirven & Francisco Ruiz de Mendoza Iñáñez, eds. (2006). *Cognitive Linguistics: Current Applications and Future Perspectives*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter.
- Kulkonen, Katrin (2009). Stylistic devices in comics. Paper presented at Poetics and Linguistics Association (PALA) conference, Roosevelt Academy, Middelburg, The Netherlands, 28 July-1 August.
- Lagerwert, Luuk (2007). Irony and sarcasm in advertisements: effects of relevant inappropriateness. *Journal of Pragmatics* 39: 1702-1721.
- Lakoff, George & Mark Johnson (1980). *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press.
- Lakoff, George & Mark Johnson (1999). *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and Its Challenge to Western Thought*. New York: Basic Books.
- Lakoff, George & Mark Turner (1989). *More Than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor*. Chicago: University of Chicago Press.
- Leeuwen, Theo van (2006). Towards a semantics of typography. *Information Design Journal* 14 (2): 139-155.
- Martin, J.R. & Maree Stenglin (2007). Materializing reconciliation: negotiating difference in a transcolonial exhibition. In: Royce & Bowcher (eds.), 215-238.
- McNeill, David (1992). *Hand and Mind: What Gestures Reveal about Thought*. Chicago/London: University of Chicago Press.
- McNeill, David (2005). *Gestures of Thought*. Chicago/London: University of Chicago Press.
- Müller, Cornelia (2008). *Metaphors Dead and Alive, Sleeping and Waking: A Dynamic View*. Chicago: University of Chicago Press.
- Müller, Cornelia & Alan Cienki (2009). Words, gestures, and beyond: forms of multimodal metaphor in the use of spoken language. In: Forceville & Urios-Aparisi (eds.), 297-328.
- Murphy, Gregory L. (1996). On metaphorical representation. *Cognition* 60: 173-204.

- Murphy, Gregory L. (1997). Reasons to doubt the present evidence for metaphorical representation. *Cognition* 62: 99-108.
- Lakoff, George (1987). *Women, Fire and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*. Chicago: University of Chicago Press.
- Ludden, Geke (2008). *Sensory Incongruity and Surprise in Product Design*. PhD thesis Technische Universiteit Delft, NL.
- Mittelberg, Irene & Linda R. Waugh (2009). Metonymy first, metaphor second: A cognitive-semantic approach to multimodal figures of thought in co-speech gesture. In: Forceville & Urios-Aparisi, 329-356.
- Nijhof, Bram (2009). Unpublished take-home test, course *Pictorial and Multimodal Metaphor*. University of Amsterdam, Department of Media Studies, The Netherlands.
- Niño Zambano, Raúl (2008). The source/path/goal schema and the bridge metaphor in films. Poster presented at 7th Research and Applying Metaphor (RAAM) conference, University of Extremadura, Cáceres, Spain, May 29-31.
- Ritche, David L. (2008). X is a journey: Embodied simulation in metaphor interpretation. *Metaphor and Symbol* 23: 174-199.
- Rompay, Thomas van (2005). Expressions: embodiment in the experience of design. Unpublished PhD thesis, Technische Universiteit Delft, NL.
- Rotherberg, Albert (2008). Rembrandt's creation of the pictorial metaphor of self. *Metaphor and Symbol* 23: 108-129.
- Royce, Terry D. & Wendy L. Bowcher (eds.) (2007). *New Directions in the Analysis of Multimodal Discourse*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Schlipperrood, Joost & Alfons Maes (2009). Visual metaphorical conceptualization in editorial cartoons. In: Forceville & Urios-Aparisi (eds.), 213-240.
- Shimohara, Kazuko & Yoshihiro Masunaka (2009). Pictorial metaphors of emotion in Japanese comics. In: Forceville & Urios-Aparisi (eds.), 265-293.
- Teng, Norman Y. (2009). Image alignment in multimodal metaphor. In: Forceville & Urios-Aparisi (eds.), 197-211.
- Teng, Norman Y. & Sewen Sun (2002). Grouping, simile, and oxymoron in pictures: a design-based cognitive approach. *Metaphor and Symbol* 17: 295-316.
- Thorau, Christian (2003). Metapher und Variation: Referenztheoretische Grundlagen musikalischer Metaphorizität. *Zeitschrift für Semiotik* 25 (1-2): 109-124.
- Turner, Mark (1996). *The Literary Mind*. New York/Oxford: Oxford University Press.
- Tversky, Barbara (2001). Spatial schemas in depictions. In: Merleth Gattis (ed.), *Spatial Schema and Abstract Thought*. Cambridge MA: MIT press/Bradford book, 79-112.
- Urios-Aparisi, Eduardo (2009). Interaction of multimodal metaphor and metonymy in TV commercials: four case studies. In: Forceville & Urios-Aparisi, 95-117.
- Wäles, Karie (2001). *A Dictionary of Stylistics* (2nd ed.). Harlow, England: Longman.
- Wels, Paul (1999). *Understanding Animation*. London/New York: Routledge.

- Werlandorp, Piet (2002). *Presentation Media for Product Interaction*. Unpublished PhD thesis, Technische Universiteit Delft, NL.
- Yu, Ning (2009). Nonverbal and multimodal manifestations of metaphors and metonymies: a case study. In: Forceville & Urios-Aparisi (eds.), 119-143.
- Yus, Francisco (2009). Visual metaphor versus verbal metaphor: a unified account. In: Forceville & Urios-Aparisi (eds.), 147-172.
- Zbikowski, Lawrence M. (2009). Music, language, and multimodal metaphor. In: Forceville & Urios-Aparisi (eds.), 359-381.

What we know and what the media tell us: A sociologist's view of media, knowledge and ignorance

PETER GOLDING

Northumbria University (UK)
peter.golding@northumbria.ac.uk

Abstract

This paper questions the presumption that the media provide the necessary information for people actively to engage as citizens. It draws attention (mainly using data from the UK) to the limited availability of relevant information, the decline of audiences for news, the limits to the role of digital media in supplanting older disappearing sources, the fragmentation of audiences, and the systemic weaknesses in the way many areas of public and social affairs are reported. The paper reviews this material to question the notion of a 'knowledge society' in the face of debate about the rise of 'unreason' and the relationship of 'audiences' to 'citizens'.

Keywords: democracy, digital divide, ignorance, information, mass media, political communications

1. Introduction

No-one likes to be the spectre at the feast. However this is often the lot of the sociologist. At scientific and medical conferences the pleasurable sense of progress being made, new and wondrous technologies making life ever more attractive, or cures rendering the diseases of yesteryear increasingly controllable or curable, provide a happy gloss that the sociologist so often drearily peels away. Such a progressive and positive tone is not the spiritual core of this chapter.

In many ways the concern of this chapter is perhaps a perverse topic for an academic, but the question of 'ignorance' is at the heart of what we study as scholars, especially those of us interested in the role of the media. The media are, and have been for much of the last two centuries, the main source of ideas, values, symbols and images, that people use to construct their understanding of the world around them, especially those institutions and places remote from direct experience. Thus what the media provide, how they provide it, and what they do NOT provide, are essential points of attention if we are to understand how the world of cognition, and more broadly of social intercourse, functions.